

Desvalorização, um tornado devastador como o de Itu.

CELSO MING

Como o tornado que desabou sobre Itu na madrugada da última terça-feira, a desvalorização cambial teve ação rápida e, não adianta esconder, já trouxe consequências — embora tenha sido uma medida inevitável, adotada para recompor as reservas externas. Na inflação, os efeitos deverão provir de duas maneiras diretas e de duas indiretas:

● Importações mais caras

— Esta é a consequência mais fácil de entender. Os produtos importados, entre os quais estão o petróleo, fertilizantes, matérias-primas e alimentos básicos (como trigo, arroz, milho e carne) já ficaram mais caros em cruzeiros.

E esse encarecimento terá necessariamente que ser repassado para o consumidor.

Note-se que um grande número de produtos agrícolas, embora produzidos aqui dentro, tem seus preços fixados em bolsas internacionais de mercadorias, portanto, em moeda estrangeira.

É o caso, por exemplo, da soja (óleo de cozinha), do café, da carne, do açúcar. Será inevitável, também por aí, algum impacto sobre seus preços.

● Recomposição de tarifas

As empresas estatais foram duplamente afetadas pela desvalorização: pela perda de patrimônio líquido e pela alta dos produtos importados já mencionada acima.

É preciso entender que 80% da dívida externa brasileira são de responsabilidade das empresas estatais, especialmente da Eletrobrás, Petrobrás, Sunamam e usinas siderúrgicas.

A desvalorização cambial aumentou a dívida em cruzeiros. Portanto, o faturamento das estatais terá que ser au-

mentado para torná-lo compatível com seus compromissos financeiros.

Por aí se vê que a fome está se juntando com a vontade de comer: as tarifas públicas, que já teriam que ser reajustadas em aproximadamente 15% em consequência da inflação de setembro, agora terão que sofrer o impacto da desvalorização cambial que varia de empresa para empresa, de acordo com o volume de seu endividamento e da participação das matérias-primas importadas em seu custo.

● Repique das remarcações

— O reajuste dos combustíveis, da energia elétrica, do aço, dos alimentos e de outras matérias-primas, irá, evidentemente, provocar nova rodada de reajustes, que tenderá a espalhar-se por toda a economia, a começar pelos transportes.

Para evitar remarcações puramente especulativas ou que os fornecedores, tanto do atacado como do varejo, errem na mão e passem da conta, o Banco Central já providenciou novo reforço das taxas de juros. Embora desestimule a formação de estoques e afaste os consumidores, essa nova alta dos juros também deverá contribuir com um certo aumento de custos em toda a economia.

● Aumento do déficit público

— Caso o governo não consiga ou não queira repassar todo o impacto da alta do dólar sobre as tarifas, vai ser preciso contar com um aumento do déficit público que, em princípio, pode não ser inflacionário se o governo o cobrir com recursos reais. Se, no entanto, ceder à tentação de financiá-lo com emissão de moeda, teríamos nova fonte de inflação.

Em suma, um tornado devastador como o de Itu.